

PEDAGOGIA SOCIAL: EDUCAÇÃO SEM FRONTEIRAS

Margareth Martins de Araújo¹

RESUMO: O artigo em tela contém reflexões teórico-práticas, produzidas por ocasião das Jornadas de Pedagogia Social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense (FEUFF) e, em especial a XI Jornada. O objetivo geral do evento era propiciar, a partir de movimentos de interação e interlocução entre educadores sociais, em formação inicial e permanente, considerações acerca da amplitude da Pedagogia Social que realizamos dentro e fora do âmbito da FEUFF, e nos vários municípios atendidos pelo Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão (PIPAS-UFF). Tratava-se de um espaço agregador, solidário e ético, no qual a generosidade intelectual travou diálogo com a generosidade cotidiana de pesquisadores que em construção se fizeram em pleno *devoir*. O *servir* foi o mote do evento, junto com o trabalho altruístico que se fez presente, e a partilha que proporcionou a realização do evento, de um encontro, que abrigou 444 participantes, sendo 44 conferencistas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Pedagogia Social, Formação de Educadores Sociais, Altruísmo.

ABSTRACT: The article on screen contains theoretical and practical reflections, produced during the Social Pedagogy, at the Faculty of Education of the University Federal Fluminense (FEUFF) and, especially the XI Journey. The general objective of the event was to provide, based on movements of interaction and dialogue between social educators, in initial and permanent training, consideration of the breadth of Social Pedagogy that we carry out within and outside the scope of FEUFF, and in the various municipalities served by Research, Teaching and Extension (PIPAS-UFF). It was an aggregating, solidary and ethical space, not one of which the intellectual generosity engaged in dialogue with the daily generosity of researchers that was under construction of *can do*. The *server* was the main event, along with the altruistic work that was present, and the sharing that provided the realization of the event, of a meeting, which hosted 444 participants, 44 of whom were lecturer.

KEYWORDS: Education, Social Pedagogy, Social Educator Training, Altruism.

¹ *Professora Associada- SSE e PPGE;

**Coordenadora do Projeto PIPAS-UFF;

***Coordenadora do Curso de Especialização em Pedagogia Social;

PEDAGOGIA SOCIAL: INICIANDO A JORANDA

Uma longa viagem começa com um único passo.
Lao-Tsé

As Jornadas de Pedagogia Social realizadas no âmbito da FEUFF pode ser considerado como uma bela e desafiadora viagem. Desta feita estamos, aqui, para registrar um pouco mais sobre ela, e nos remetemos ao primeiro de muitos passos que, estariam e estão por vir lembrando-nos da afirmação de Lao-Tsé, filósofo e escritor da Antiga China, situado por volta do século VI a.C; ao dizer: *Uma longa viagem começa com um único passo*. De fato, assim o foi. Ousamos dar o primeiro passo, movidos pela perspectiva de uma forma diferenciada, de realizar o trabalho pedagógico, onde quer que ele ocorra.

Já tínhamos o motivo para dar o primeiro passo. Desse modo, o espaço eleito foi o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC); um importante centro de formação da cidade de Niterói. Ele tem a honra de sediar Curso de Formação de Professores e de ser o primeiro do Brasil com essa proposta. Nesta casa encontramos abrigo para aprender com seus professores e desenvolver nossa forma de ser e estar educador a partir da concepção de uma Pedagogia Social como uma Educação sem fronteiras.

Partimos em busca de delinear quais seriam as fronteiras, suas demarcações, como eram construídas e, em especial, quais os sujeitos que as demarcavam. Compreender tais questões nos ajudaria a mapear os caminhos a serem percorridos em um curso de formação de pedagogos sociais. O conceito de Pedagogia Social com o qual trabalhávamos encontra-se em Martins (2015), ao dizer “*A Pedagogia Social é um componente da Pedagogia que se responsabiliza diretamente com a inclusão das crianças em situação de vulnerabilidade social no universo escolar. Sinalizamos que o momento era pensar a Pedagogia Social no universo escolar. Compreender nosso espaço de ação nos era e, é muito caro*”.

Precisávamos de um processo a ser vivido, na estrada escolhida. Recentemente, Thainá Quitete, uma integrante do nosso Grupo de Pesquisa nos brindou – como o faz com frequência –, com a seguinte reflexão: *A lagarta não precisa de um milagre para virar borboleta, ela precisa de um processo*. Como estávamos às voltas com a produção do referido artigo, *caiu como uma luva*. O processo vivido no IEPIC era o que precisávamos para aprender sobre o caminho a ser trilhado. Foi um processo que durou de 2002-2007, foram cinco anos de projeto piloto de profícuo aprendizado e, nos permitiu construir o arcabouço teórico das jornadas, as quais se iniciaram em 2008.

Por que realizar uma Jornada de Pedagogia Social? Tudo vai ganhando novos contornos à medida que nos debruçamos sobre o vivido, de forma a perquirir o experienciado. Compreendemos com, o passar do tempo, ser necessário reunir pessoas que estudam e vivem a temática da Pedagogia Social, para um momento de troca, aprofundamento e reflexão. Foi exatamente o que aconteceu. Nossa percepção e se corporificou na fala de Fátima Alzira, também integrante do nosso Grupo de Pesquisa e do quando de professores do IEPIC, durante um dos processos de avaliação:

– *Nossa como o trabalho é bonito, importante... Como seria bom se mais pessoas participassem. É uma pena só a gente ter acesso.*

Tudo se conectou. Tudo fez sentido e, a pergunta que subsequente foi: por que não? Aqui foi lançada a semente das Jornadas de Pedagogia Social e, como toda semente, trouxe consigo o como: conteúdo e forma. Não tardou se configurar um possível designer no qual **três aspectos** se mostravam como fundamentais: **a formação de professores, processos de locução e interlocução em sala de aula e o adoecimento docente**.

A fala de Fátima Alzira encontrou ressonância em parte significativa do grupo que contava na ocasião com 23 professores, dos quais 3 eram integrantes da Equipe Técnico-Pedagógica e os demais Regentes de Turma. Dos vinte e três professores, dois não estavam presentes no dia da avaliação e não retornaram com a mesma. A avaliação do projeto piloto de Pedagogia Social do IEPIC se deu no processo. A cada encontro sentávamos e discutíamos o *vivido-experienciado*, e pautávamos temáticas para o encontro seguinte. Vale à pena ressaltar, embora não seja objeto desse artigo que, a atividade desenvolvida no IEPIC também serviu para a elaboração do Curso de

Extensão e, nos anos vindouros o Curso de Especialização, ou seja, tratam-se de ações que organicamente se interpenetram e, de forma articulada compõe a Pedagogia Social da FEUFF.

Apresentarei a seguir uma breve reflexão sobre os três aspectos descobertos no Projeto Piloto de Pedagogia Social desenvolvido no IEPIC, a saber: formação de professores, processos de locução e interlocução em sala de aula e adoecimento docente. Importa ressaltar que essa tríade se delineou a partir da incidência com a qual apareciam nos encontros realizados. Eles apareciam com grande incidência e proporcionalidade de angustiados cursistas. Era como um grito a ecoar e revelar o sofrimento de profissionais que, como nas demais escolas há época e, agora em maior número, funcionavam como front, um braço do Estado em regiões de periferia a atender jovens em vulnerabilidade. Vamos a eles.

A Formação de Professores apareceu como o carro-chefe das denúncias e anúncios detectados durante o curso. O binômio denúncia-anúncio se apresenta como estratégia metodológica de trabalho, que insere o cursista em uma esfera de impossibilidades e possibilidades, capaz de alçá-lo à condição de um profissional que consegue para além da denúncia, anunciar um mundo novo de possibilidades.

É uma estratégia metodológica a ser desenvolvida no coletivo de professores que, de posse e uma escuta sensível e compreensiva, vislumbra algumas possibilidades de superação. O próprio grupo então, ao detectar a questão se coloca a tarefa de buscar pistas de superação a partir de onde estão e com o que têm. Quando necessário entrávamos para ajudar a pensar-construir em alternativas de superação das questões desafiadora. Outro aspecto interessante era pensar os problemas como desafios, os retirando do lugar de vítima para o lugar responsável pela busca da solução.

Processos de locução e interlocução em sala de aula ocorrem a todo momento em sala de aula e, nos últimos anos estamos presenciando o distanciamento cada vez maior entre professores e alunos. Não falamos da totalidade dos atores sociais da escola, porém esses representam a grande parte, fato que contribui significativamente para o próximo item a ser abordado que é o adoecimento docente. De acordo com as escolas, por nós acompanhadas na última década, é possível detectar que o tecido social escolar está se esgarçando a cada ano, ao ponto de parecer um cenário de guerra, no

qual alunos e professores se encontram em trincheiras separadas lutando um contra o outro.

A falta de escuta e diálogo, de compreensão e afeto, características que se ausentaram da sala de aula a provocar um afastamento crescente entre professor e aluno, construiu um fosso abissal a arruinar as relações pessoais e interpessoais no cenário escolar. Como se não bastasse assistimos a cada política pública equivocada para a educação, uma trama macabra contra o futuro de crianças e jovens tornaram ausentes da escola orientadores educacionais, assistentes sociais e psicólogos, por exemplo, profissionais sem os quais uma escola de padrões casse a, jamais faltariam. O desmonte da escola é tramado pelos governantes e fracasso da dela é construído.

É impensável conceber, por exemplo, uma escola que não consegue alfabetizar seus alunos, uma vez que todos os professores alfabetizadores sabem ler e escrever. Podemos afirmar que não basta ler e escrever para ser um exímio alfabetizador, porém trabalho com a concepção de não ser o método a questão. As políticas de alfabetização do Brasil desviam o foco da questão e investem milhões em formação de alfabetizadores que, não conseguem tirar os dados estatísticos do lugar. Permanecemos no mesmo patamar ou até decaímos. Em busca de dar o melhor de si, professores estudam seriamente, mas não obtêm resultados favoráveis, por quê? Nossas pesquisas (MARTINS, 2015), apontam não ser uma questão de forma, mas de conteúdo. Enquanto professores correm atrás do método ideal, abrindo mão da autonomia docente na construção do próprio método, perde a oportunidade de alfabetizar, como sabem e podem. Estão presos e não arriscam ousar. É apenas um exemplo que bem ilustra o perfil de uma escola abandonada a própria sorte pelos governantes e encontra na figura de seus professores os bastiões, a última reserva de forças.

Toda essa situação promove o afastamento daqueles que, em harmonia, deveriam configurar o sucesso da escola. Cada um luta para dar o melhor de si, e acabam por se afastar cada vez mais. É um processo árduo no qual a insatisfação se generaliza e as pessoas se perdem umas das outras. Longe de ser um desafio de fácil solução, exige-se, de nós, o exercício permanente do diálogo, da escuta e da troca em prol de um projeto que unifique o fazer e o pensar de todos. Importa saber que existe

saída, aliás saídas, e cabe ao coletivo da escola construí-las com a expertise de cada um. É tarefa para muitos e desafio para todos.

Ao viver o sonho da construção de um projeto coletivo, a escola voltará, aos poucos, a se unificar, conversando, dialogando, se escutando. Estabelecendo novas bases e convivência, e aceitando uns aos outros em sua legitimidade, a escola certamente voltará a crescer e reconhecerá a importância do seu papel para si e para a sociedade. Nossas pesquisas apontam (MARTINS, 2015), não ser nada superior as forças da escola. Ela é perfeitamente capaz de se reinventar na busca da superação dos fatos que a impedem de existir em plenitude. Restaurando os processos de interação e interlocução, em seu interior, a escola se potencializará novamente, e as relações pessoais e interpessoais serão erguidas sob bases humanamente potentes. A humanização se faz necessária no momento de reconstrução da escola, pois o diálogo a ser travado, dela depende. Ativar a inteligência emocional se faz necessário em momentos como esse. Não há lugar para *bullying*, polarizações e segregações. Sigamos agora para reflexões acerca do adoecimento docente.

O adoecimento docente é o terceiro aspecto. Fruto, em especial, dos dois aspectos anteriores, esse se apresenta como o resultado, de anos após anos, de falta de perspectiva e no espaço profissional associada à insatisfação permanente. A sociedade mudou, os alunos mudaram, mas a escola não conseguiu acompanhar tal mudanças, se colocando à reboque de um processo inevitável. Os rituais escolares ao reproduzir antigas práticas fez com que o diálogo desaparecesse e perdeu a dimensão principal do seu fazer. Com a comunicação entre os integrantes do processo escolar enfraquecida, a escola foi perdendo o sentido para alunos e professores.

Por outro lado, a escola ao tentar mudar, não tardou a reproduzir-se, pois era o velho travestido de novo. Havia a falsa impressão de mudança, mas o que de fato ocorreu foi a cisão entre o apregoado e o executado. Tratou-se de um processo com base em tentativas de acerto, pautado em boas intenções por parte de todos os envolvidos, porém o oposto do esperado ocorreu. Certa lentidão em mudar o rumo da história fez com que a ficasse à reboque das exigências de transformação que se apresentavam. Todavia é sempre processo e por isso possível de ser mudado.

À medida que os professores trazerem para si a tarefa de pensar e repensar a escola, fazer coletivamente a e refazer coletivamente suas histórias, se potencialarão e marcharão em direção da superação do estado do adoecimento docente. Ao reencontrarem o sentido da docência se permitirão ousar e o trabalho renovado é o antídoto contra o adoecimento docente.

Não é passo de mágica, mas sim fruto de um processo, tudo o que precisamos para a transformação. Falamos de uma transformação que se processa de dentro para fora, e encontra diferentes razões para permanecer na perspectiva transformadora. Eis uma percepção que surge acompanhada pela potencialização de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional que, de forma coletiva, se descobrem capazes. Vivenciar tal processo promove a compreensão de que é possível mudar desde que se coloquem a caminho. Estudar, refletir, construir alternativas de mudanças, aplicá-las e avaliá-las é um processo que os remeterá ao encontro da sonhada saúde mental. Não é magia, é fruto de esforço e trabalho pensado, planejado e bem executado.

Muitas escolas já fizeram esse caminho, e muitos alunos e professores se revitalizaram. Compreenderam ser necessário sair do lugar de vítima e galgar instâncias de poder e transformação. É um processo que passa pelo querer-fazer. Não cai do céu, dá trabalho, exige competência técnica, compromisso político e, acima de tudo, vigilância permanente. Vigiar as intenções e processos, formações e reflexões. Longe de um processo a ser vivido pelo coletivo da escola, dificilmente a transformação ocorrerá. É preciso ousar!

Eis uma breve reflexão acerca do caminho trilhado pela Pedagogia Social, da Universidade Federal Fluminense, durante as fases da implantação do Plano Piloto do projeto PIPAS-UFF. Apenas um dentre inúmeras possibilidades, porém é revelador da diversidade do vivido, pesquisado, teorizado e aprendido. Fica aqui nossos agradecimentos ao IEPIC e seus profissionais que permitiram a construção do trabalho que realizados. Vocês estão inscritos, de forma indelével, em nossas vidas, histórias e memórias. Sem a garra compromisso e ousadia de vocês não seria possível o trabalho realizado e presente artigo. Aceitem, mais uma vez, nossas Saudações Sociais!

Foi com essa formação interativa na qual universidade e escola mutuamente se formaram chegamos ao designer das Jornadas atuais. Compreendemos, ao longo do

tempo, ser a Pedagogia Social mais ampla e partimos para estudar outros espaços, conhecer outros profissionais e o processo de formação permanente continua fortemente ativado. Foi com essa formação interativa, na qual universidade e escola mutuamente se formaram, chegamos ao designer das Jornadas atuais. Observem a fala, de uma das professoras, a Alice, com 15 anos de dedicação ao magistério público estadual, ao término de encontro:

– *Puxa vida, nunca pensei que seria assim, em roda conversa, oficinas e produções coletivas. Vocês da universidade com a gente. Todo mundo junto, sem separação. Muito legal mesmos! Ainda bem que topei fazer!*

A fala da professora Alice nos deu importantes pistas. Funcionou como alerta e fonte de reflexão. Também revelou o quanto estávamos *pari passo*, com os objetivos traçados pela pesquisa para o Projeto Piloto. Conseguimos tirar as ideias do papel sem deturpá-las. Os processos avaliativos ocorridos ao longo do curso também apontaram a direção a ser seguida. O próximo passo sempre era dado a partir da avaliação do encontro anterior. Era uma construção permanente advinda das falas, posturas e olhares de todos.

Vários profissionais com múltiplas e complexas expertises compõem o quadro de conferencistas das Jornadas e compõem a configuração atual que é reveladora da trajetória da Pedagogia Social que fazemos no ensino, na pesquisa e na extensão.

As temáticas abordadas nas últimas Jornadas de Pedagogia Social assim se organizaram: Pedagogia Social na educação física; Pedagogia Social na Cultura; Pedagogia Social na Formação de Professores; Pedagogia Social na Educação Infantil; Pedagogia Social na Favela; Pedagogia Social na Universidade; Pedagogia Social na Assistência Social; Pedagogia Social na EJA; Pedagogia Social na Família; Pedagogia Social e Infâncias; Pedagogia Social e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

No ano 2019, tivemos 440 participantes, sendo 40 conferencistas. Para nós, da Pedagogia Social, da Universidade Federal Fluminense é uma honra poder contar com o trabalho altruísta, de tantos profissionais altamente qualificados, na formação ampla de educadores sociais. Cada um, com sua expertise, compôs o quadro seletivo de seres humanos que, são capazes de doar tempo, qualificação profissional, acadêmica e

intelectual em prol de outros seres humanos. Essa é mais uma importante característica do trabalho que realizamos. Fazemos o que podemos, de onde estamos, e com o que temos. Estivemos e estamos, em especial, agora, em plena pandemia, e estaremos sempre, à serviço da vida, em prol da humanidade. Frisa-se, novamente, fazemos o que podemos, de onde estamos, e com o que temos.

É uma ação que faz todo sentido para nós. Somos marcados pela vertente pela compreensão do SERVIR, como metodologia de formação humana. À medida que servimos, mais aprendemos e desenvolvemos nossa inteligência emocional. Desta forma o *ethos* humano, da Pedagogia Social, se fortalece e imprime em cada um de nós conhecimentos ainda não acessados. Eis a nossa Pedagogia Social, como Educação sem Fronteiras. Ela move o universo interno e externo ao homem, em pleno processo de ensino ou acolhimento, colocando-o em sintonia com as forças preservadoras da vida, como, a solidariedade, a humanidade, a coletividade, a partilha e a comunhão, por exemplo. Conteúdos a serem vivenciados, não podem ser transmitidos. Somos alquímicos sociais. Propomos a transmutação da educação, em uma Pedagogia Social, como fraternidade sem fronteiras.

POR UMA PEDAGOGIA SOCIAL PARA O SÉCULO XXI

Educar a mente sem educar o coração não é educação.

Aristóteles

Há duas décadas, por causa da Pedagogia Social, realizo reflexões acerca da realização de uma educação que se inscreva no homem, trazendo sentido à realização dos estudos, e ao ato de ser educador social. Compreendi muito cedo não se tratar apenas de transmissão de conteúdos. Há algo mais, porém... O que? Como proceder para escrever, o conteúdo, dentro de cada pessoa de forma indelével? Seria uma tarefa acima das possibilidades humanas ou apenas algo ainda não pensado? Seria possível realização de tal tarefa?

Convivendo com a Pedagogia Social, tal ideia tomou contornos mais nítidos à medida que, compreendi ser necessária uma educação que passasse pela vivência, pelo **corpo, pela mente e pela Alma**. Algo ousado, ainda não pensado, porém necessário. À princípio uma tarefa hercúlea, a ser realizada por muitos e exigia um exercício permanente de humildade por parte de todos envolvidos, de compreensão da importância do trabalho coletivo e, principalmente ter o altruísmo como valor. Como saber se, cada pessoa que se aproxima cumpria tal agenda?

Educar os sentimentos foi o desafio a ser enfrentado. Algumas tentativas foram realizadas em torno de uma metodologia que se adequasse a esse propósito. Um fazer pedagógico que permitisse, ao mesmo tempo, transmissão de conteúdos de forma intelectual e ativasse no interior de cada pessoa a compreensão sobre a necessidade de SERVIR de forma altruística o semelhante; o nosso próximo mais próximo. Disponibilizar nossa expertise para o outro: eis **a chave da nossa formação**.

Existem conteúdos na humanidade, que só podem ser apreendidos e não transmitidos. Isso ocorre com a gratidão, partilha celebração e solidariedade, por exemplo. São aprendizados os quais passam pelo **corpo** e pela **mente**, tocando a **alma**, transformando vidas. São conteúdos oriundos da Inteligência Emocional os quais

passam a ser ativados à medida que nos colocamos em comunhão com as demais pessoas, tendo o altruísmo como fonte inspiradora do nosso *saber-fazer* na busca de um objetivo comum. A formação teórico-prática se impõe como metodologia de formação. Assim compomos o **tripé da Pedagogia Social** para o Século XXI, instalada no âmbito da FEUFF: **Saber, Sentir e Servir**. Vejamos a ilustração, confeccionada por Leonardo Alonso² – nosso primeiro paciente leitor-orientador –, a partir da sua concepção de pesquisa, aqui, explicitada:

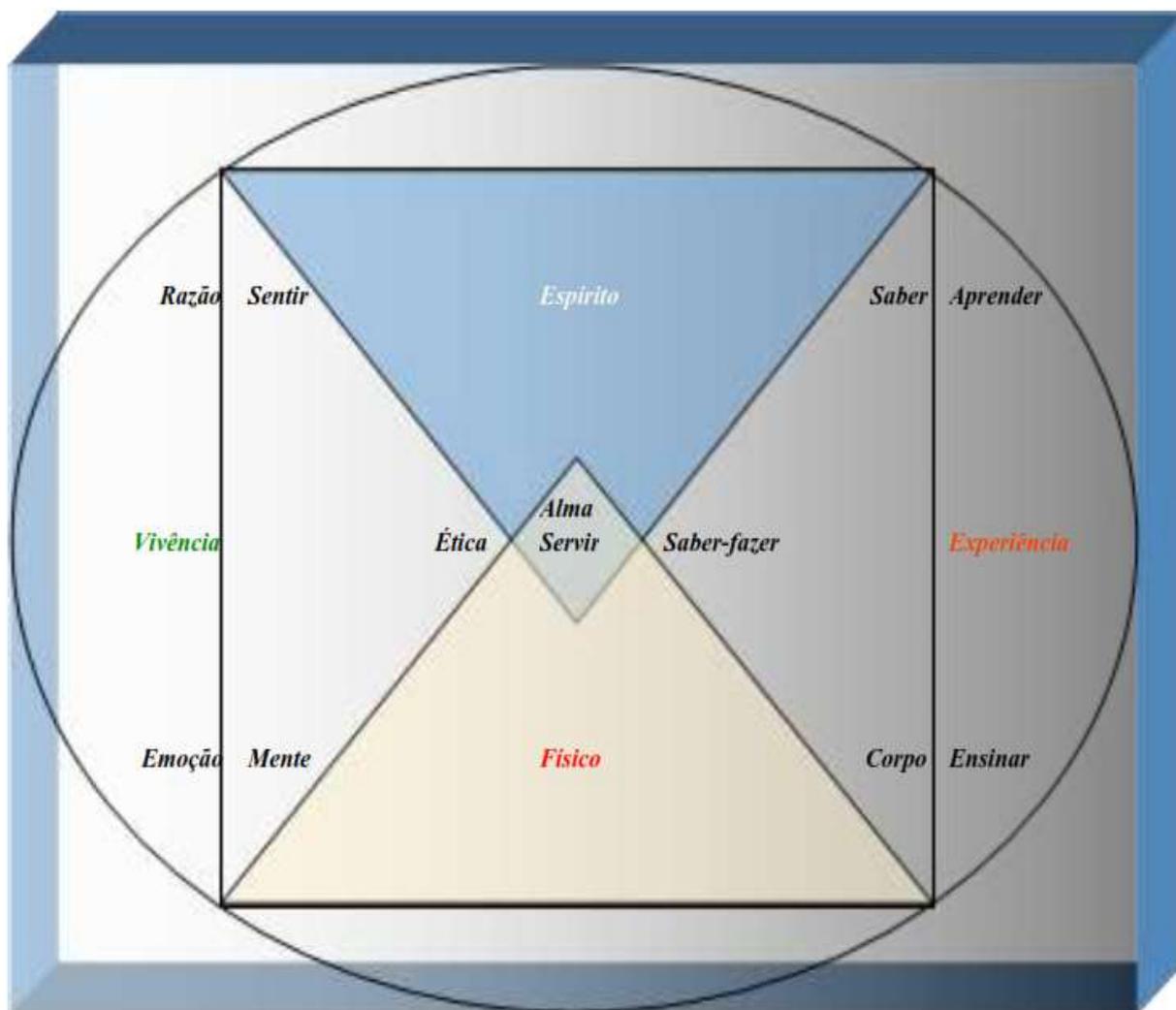


Figura 1 - Tríade-Quadra por Leonardo Alonso

² Eis a instauração de um campo do saber genuinamente brasileiro, com preocupações práticas e teóricas voltadas para a construção humana, por completo, através da tríade: **corpo, mente e alma**. Além disso, o *saber, sentir e servir* é o espectro complementar do **físico** (corpo), que, por sua vez está relacionada à **ética** (*ethos*, em latim, e *Geist*, em alemão, que também representa *espírito/intenção*), como um modo *ser e estar* no mundo. Desse modo, o *vivido-experenciado*, pelo educador social e o educando, é compartilhado, através do *saber-fazer* que se dá no processo contínuo, permanente e orgânico de **ensino-aprendizagem** mediado pela **razão** e a **emoção**.

Narrado, em sua historicidade, e teorizado, em sua criação, o Grupo PIPAS-UFF, encontra lugar nesta produção. Trata-se de uma Pedagogia Social genuinamente brasileira que, embora nascida carioca, cresce na Baixada Fluminense, e se corporifica academicamente em Niterói, guardando, em seu cerne, especificidades generalizáveis. A Pedagogia Social, por nós, realizada contempla a Pedagogia Social, como cultura pedagógica e mantém formação há vinte anos, com doze Jornadas, agrupadas por temas geradores de interesse, conforme ilustra o gráfico abaixo:



(Fonte: Arquivos do projeto PIPAS-UFF)

Os Eixos Temáticos são frutos dos movimentos **vívidos-instituídos**, para realizar pesquisas, nos cursos de Extensão, em Pedagogia Social para o Século XXI (2008-2019), associadas ao intenso diálogo teórico-prático, travado nas últimas décadas, com a formação inicial e permanente de educadores sociais, e a possibilidade de construir um espaço pedagógico capaz de abraçar a Pedagogia Social, como cultura pedagógica.

Por Eixos Temáticos compreendemos a incidência com que aparecem os temas, nas avaliações dos integrantes de cada jornada, funcionando como vetores

indicativos da possibilidade de uma Jornada para a outra. A partir desse movimento construímos certa organicidade em nosso *saber-fazer*, fortalecemos nossa opção de pesquisa e agregávamos pesquisadores e profissionais de áreas afins. Os Eixos temáticos são responsáveis pela coesão das nossas ações pelas quais produzimos teoria.

Tudo é fruto do processo vivido, pesquisado e estudado. Teorizando e trabalhando, na realidade pesquisada, enxergamos uma metodologia de formação, de Educadores sociais capazes de superar a cisão teórico-prática. Tal superação, traz organicidade e coerência, ao que realizamos. Buscamos a coerência acima de tudo e, portanto, o que falamos é fruto do vivido. Caso contrário, poderíamos ser de qualquer pedagogia, e não a Social.

Procuramos, por princípio, não falar ou escrever sobre, mas com os sujeitos que, conosco aprendem e nos ensinam. É um processo de pesquisa que a todos se iguala e se percebe, um com o outro, na busca da totalidade. Tal qual, nos informa, a Teoria do Campo, ao afirmar que: “tudo está interligado”. Em se tratando de Pedagogia Social, torna-se possível perceber a existência de um *ethos* pedagógico social capaz de nos fortalecer, através da construção de uma identidade coletiva, esta inspirada na aceitação, ética e solidariedade. O *ethos* pedagógico social nos constitui e nos representa, porque, sem ele, nos fragilizaríamos e nos perderíamos em nossa própria existência.

Ao observarmos o gráfico é possível perceber o crescente interesse e permanente envolvimento dos integrantes das Jornadas. A cada ano parecia fazer mais sentido o estudo da Pedagogia Social, e as sugestões para os Eixos Temáticos se delineavam, a partir das avaliações, o próximo passo a ser dado. Tudo fruto de um trabalho articulado e consequência da organicidade produzida no processo vivido, estudado e teorizado.

Durante as jornadas, assim nos organizamos em triênios temáticos, organizacionais de tempo-espço de produção de conhecimento. Organizamos nossas pesquisas e reflexões, produzindo orientações e artigos; comunicando os achados do nosso trabalho em seminários, congressos nacionais e internacionais e nas subsequentes Jornadas. Assim nos organizamos: **de 2008-2010, tratamos do histórico da Pedagogia social; de 2011-2013 - observamos os conceitos existentes; 2014-2016, indagamos o**

para que da Pedagogia Social e, de 2017-2019, nos incumbimos de compreender sua amplitude e atores.

A Pedagogia Social projetada nas Jornadas ao longo desses 20 anos é um movimento que se dá, não apenas na Extensão, mas também na graduação e, hoje, se frutifica no Mestrado e Doutorado. Trata-se de um processo que ativa, em pleno processo de formação, possibilidades éticas de interesse pelo próximo, em situação de vulnerabilidade, como princípio educativo. Partindo da premissa de que as vulnerabilidades é uma condição humana, torna-se possível afirmar que, a Pedagogia Social que fazemos é realizada por humanos para humanos.

Dentre os teóricos com os quais dialogamos encontramos Jung (2010) a nos alertar: *“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas uma alma humana, seja apenas outra alma humana”*.

Em nosso fazer, a opção pelo outro, em situação de vulnerabilidade, nos move fazendo com que encontremos sentidos diferenciados em nossas ações, promovendo o bem estar a todos. Exercitar nossa humanidade, nos permite desbravar fronteiras ainda não conhecidas para uma pedagogia que, se pretende social. Atuamos a partir de uma perspectiva potencializadora capaz de compreender ser a diferença unificadora da humanidade. Não valoramos a hierarquia, e sim a potência existente em cada ser humano capaz de nos ensinar e aprender, capaz de comunicar o aprendido e rever suas certezas. Estamos em busca de novos rumos, para novos e diferentes fazeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR QUE UMA EDUCAÇÃO SEM FRONTEIRAS

O único homem que está isento de erros, é aquele que não arrisca acertar.

Albert Einstein

Pesquisa é vida! Para nós, que somos da Pedagogia Social, essa afirmativa se concretiza a cada dia. Estar à serviço do outro, colocar-se em prol da humanidade, traz para as ações de pesquisa a compreensão do quanto é difícil pesquisar sem o outro –

creio ser impossível. Trata-se de, uma atitude arriscada, por colocar o pesquisador na roda, em meio ao fato, envolvido intensamente com o tema eleito. Como fazê-lo de forma diferente? É com o outro e pelo outro que corremos riscos ao tentar acertar. O que fazer se viver é um risco? E sendo pesquisa vida, então pesquisar também tornar-se um ofício arriscado.

É assim que exercemos nossa tarefa de pesquisadores sociais, ousando pisar onde poucos pisam, teorizar, sobre o ainda não teorizado, e apostar na possibilidade da transformação da vida humana na terra. É, com o planeta que aprenderemos, sobre o nosso real lugar.

O risco vem com a própria tarefa de fazer pesquisa nesse livro aberto e a ser estudado que representa a vida. Aqui, precisamos apenas de um processo para nos tornar quem de fato podemos ser. Nem melhores ou piores do que ninguém e, a partir dessa concepção, descobrir sermos, apenas, mais um como cada forma de vida, aqui, existentes. Não estamos, aqui, para dominar, subjugar ou até mesmo extinguir nada e ninguém. O processo a ser vivido não é de exploração ou competição, como erroneamente informam às teorias que nos formam-deformam. Ao contrário, a competição é interna. Ela não é externa (MARTINS, 1993).

A competição externa nos é tóxica. Por afasta os seres humanos. Remete-nos à dispersão, tira o foco, obscurece a vida, bem como mascara a realidade que nos circunda. Em nome de uma ciência obscurantista, aprendemos o medo de correr riscos e nos atrelamos a uma pseudo zona de conforto a reproduzir morte, no lugar de vida. A ciência produtora de morte está à serviço de qual ideologia? Quem à domina? Para quem trabalha? Em todas as áreas do conhecimento, nos quais o ser humano foi capaz de descobrir, até agora, esse processo se passa, deixando um lastro mórbido de descompromisso e descaso com a vida. Nas mãos, desse tipo de ciência, a humanidade corre sérios riscos, inclusive, o risco de sua auto extinção. Somos apenas diferentes, nem melhores e nem piores.

Quando acordaremos para a vida? Para a realidade dos fatos? Egos competem, seres humanos não. A sócio biologia nos informa que, na essência, somos seres colaborativos, agregadores, coletivos. Somos bem mais do que nossos próprios egos. Somos vida! E vida exige processo, cuidado, convivência, dentre tantas outras

necessidades. O que fazer com nossos títulos senão disponibilizá-los para emancipação humana? O processo a ser vivido pela humanidade a remeterá a um patamar capaz de se auto socorrer em nome da sobrevivência planetária, ou seja, da nossa própria sobrevivência. A questão é seríssima!

A ciência foi feita para a vida! Por este motivo, abraçamos a Pedagogia Social, para viver o nosso processo profissional. Ela é a ciência com a qual, mesmo correndo riscos, avançamos na direção da construção de uma ciência mais humana, marcada pela opção pelo próximo, tendo o servir como metodologia. Quando a Pedagogia Social me escolheu, eu a escolhi, e desde então o correr riscos se fez necessário. Por isso, abraçamos o caminho do meio, do Taoísmo, como fonte inspiradora de nossas ações.

Para quem vive, observa o vivido e interage *com* e *na* vida, torna-se possível confirmar o dito por Einstein: “Viver é exposição permanente, é correr riscos, é arriscar-se ao erro. Pesquisa é vida!” Nossa busca, por uma *Pedagogia Social: educação sem fronteiras*, se justifica por saber ser possível novas formas de *ser* e *estar* educador-pesquisador: gente. Comprendemos ser sem fronteiras por se processar dentro e fora do homem, onde quer que esteja, o que quer que faça; configurando a percepção de que para a humanidade a evolução é coletiva e nela todos são importantes.

Assim, nos movemos *na* e *com* a ciência, transformando impossibilidades em possibilidades, por saber, com Einstein, que em meio às dificuldades encontramos oportunidades. A Pedagogia Social não teme o risco, o inclui no processo de pesquisa, como conteúdo a ser estudado e analisado, apreendido, apreendido e revelado. É fonte de aprendizado, reveladora de nós e dos outros. Eis o processo a ser vivido pelo pesquisador social, participe que é da construção de uma ciência reveladora da nossa própria humanidade.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Jung, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Editora nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, Margareth. *No Coletivo também se Reina*: O Pedagógico do Trabalho, no Trabalho Pedagógico. Rio de Janeiro, PPGE-UFF, 1993.

_____. **Vivências e experiências que nos afetam**: um diálogo com crianças que insistem em estudar. (Tese), Campinas, 2005.

_____. **Pedagogia Social**: Diálogos com crianças trabalhadoras. São Paulo: Expressão e Arte Impressa, 2015.

_____. É tempo de sonhar para os sonhadores: pedagogia social, educação sem fronteiras. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 9, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/235>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Pedagogia social à serviço da vida: sobre Lives, Pedagogia e Pesquisa Social. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 9, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/230>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Pedagogos sociais conectados: De que vale erudição se não ampara o cidadão. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 9, n. 1, maio 2020. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/217>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. & POMBO, Márcia Ely Bazhuni. Notas sobre pedagogia social, história e identidade do educador social: um teórico-prático. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 8, n. 2, fev. 2020. Disponível em:

<<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/211>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Trabalho voluntário e participação social: uma experiência fora da sala de aula. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 8, n. 2, nov. 2019. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/202>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____ & COELHO, Mônica Paranhos. Pedagogia social e trabalho voluntário: Uma questão de solidariedade, ética e resistência. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 8, n. 2, nov. 2019. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/201>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Trabalho voluntário e transcendência: relatos de uma pedagogia que se pretende social. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 7, n. 2, maio 2019. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/173>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. A pedagogia social que fazemos. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 6, n. 2, mar. 2019. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/164>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Sobre artesãos e oficinas: pedagogo social um artífice educação. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 7, n. 2, fev. 2019. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/162>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Pedagogia Social e oficina de sucata. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 6, n. 2, nov. 2018. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/147>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____ & NAVAS, Tainara. Narrativas de Memória na Educação Infantil e Práticas Pedagógicas. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 6, n. 2, p. 23, out. 2018. Disponível em:

<<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/129>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____ & TAMIASSO-MARTINHONQUÍMICAS, Priscila. Educadores Sociais - Pedagogia Social como Princípio Educativo no Ensino Superior. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 5, n. 1, jun. 2018. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/109>>.

Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. Pedagogia social como antideserto. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 4, n. 2, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/92>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. **Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

ONU. **Carta das Nações Unidas**, de São Francisco, 26 jun.1945.

SILVA, Roberto da & SOUZA NETO, João Clemente de & MOURA, Rogério Adolfo de. **Pedagogia Social**. Expressão e Arte Editora, São Paulo. 2009.